

PALESTRAS NOS GRUPOS ESCOLARES

*2. Termino de Audade 509
Luz CP 51.*

*J. Lucio
22/10/59
A. COPPE
CDP
To. apadun
LP.*

Funcionamento de Classes Braille

A Classe Braille é o local de treinamento especial que as crianças recebem para auxiliá-las a se manterem no nível dos videntes em classes comuns. Ali se ensina o uso de seu material especial para o aprendizado e a se exprimir corretamente.

O professor de uma classe braille deverá ocupar uma ou duas salas completamente equipadas, com máquinas braille, livros em braille (alguns de imprensa e outros copiados pelo próprio professor ou voluntários), vitrola (pick up) com discos de recreação e educativos e material didático para ilustração de aulas, máquinas de datilografia (para 3º e 4º ano primário em diante), alguns bancos carteiras para que os alunos cegos possam receber seus colegas videntes com alegria e desembaraço, facilitando sua cooperação e identificação ao funcionamento normal da classe. O trabalho do professor da classe braille e do professor comum devem ser intimamente ligados. Eles devem planejar juntos o programa e o modo de se completarem mutuamente.

O aluno de uma classe braille deve ser, antes de mais nada, um membro da classe comum, atendendo em tudo seu professor comum e o seu professor especializado será apenas um auxiliar daquele. O aluno cego deverá permanecer entre seus colegas videntes, durante a maior parte do período escolar, no recreio, no bar da escola, na ginástica e nas aulas de trabalhos manuais.

A criança invidente irá à classe braille somente para auxílio e reforço em noções novas e anotações braille ainda desconhecidas, bem como para aprender o uso de seu material de aritmética e escrita e transcrição de seus trabalhos.

O professor de uma classe braille deverá ser uma pessoa especial para o aluno e para toda a organização escolar. Deverá ser emocionalmente estável, calmo e carinhoso. Não haverá lugar para hipocrisias. Será essencial que tenha curso de especialização em ensino e educação de cegos. Nenhum pagamento adicional é oferecido ao professor de uma classe braille, tanto nos Estados Unidos, como no Brasil. Seu salário é idêntico ao de outros professores de igual nível cultural.

Aceitação da criança - papel do professor comum

No início houve dificuldade de aceitação da criança cega em escolas públicas comuns. Mas, desde que a experiência foi feita, os diretores e professores aceitaram-na procurando aprender o braille. Algumas pessoas depois de curto espaço de tempo de convivência, compreenderam que a criança cega é como qualquer outra criança e assim passam-na a tratar. Outras pessoas levam mais tempo, pensando mais através de seus sentimentos. Isto precisa ser evitado, embora, seja difícil, devido ao próprio comportamento da criança deficiente visual que frequentemente exige e recebe mais do que aquilo de que realmente necessita. Felizmente o número de professores que não querem alunos cegos em suas classes está diminuindo enquanto aumenta o número daquelas que desejam o seu convívio e procuram interessar-se pelo assunto.

A primeira reação da comunidade escolar foi a de ter medo do desconhecido. Isto porque a criança cega e sua família eram as únicas que tinham maior contacto com pessoas que não enxergavam. A medida que elas se tornavam conhecidas o medo desapareceu e surgiu o espírito de colaboração tornando possível que a criança cega e a vidente cresçam em recíproco saber e compreensão social.

Necessidade do preparo dos alunos

Dessa aceitação dos diretores e sobretudo dos professores, dependerá em grande parte a atitude das crianças com relação ao colega cego. Se o professor encarar normalmente o aluno invidente e trata-lo sem diferenciações, a classe seguirá o exemplo sem vacilar.

Há uma dupla vantagem na presença do deficiente visual na classe comum:

1º) para o deficiente visual- ele estará vivendo numa miniatura de sociedade em que viverá quando adulto. Esse contacto com os videntes mostrar-lhe-á que ele poderá executar grande maioria das tarefas, sem dificuldades. Não surgirá o problema da segregação, tão comum em nossa sociedade.

2º) para os outros alunos- aprenderão a encarar com mais naturalidade o que fazem os indivíduos cegos. Reconhecerão as possibilidades dos deficientes visuais, evitando dessa forma os preconceitos tão comuns que rodeiam o problema da cegueira.

Necessidade da independência do aluno- não estar prêsse ao professor especializado.

O fato do aluno cego sentir-se bem compreendido pelos colegas e pelo professor, dá-lhe maior segurança nas suas possibilidades. Isso fará com que ele se torne mais confiante em si e mais integrado na classe. Como consequência dependerá quase nada da professora especializada, pedindo auxílio dela somente em casos realmente necessários. Não haverá o perigo de que o aluno sentindo-se inseguro, precise apoiar-se constantemente ao professor especializado.

Aulas de ginástica e trabalhos manuais

Há duas atividades que têm sido esquecidas no curriculum escolar dos alunos cegos: ginástica e trabalhos manuais. Os deficientes visuais têm as mesmas necessidades de desenvolvimento que as crianças videntes, portanto a coordenação motora e exercícios físicos não devem, em absoluto, ser deixados de lado.

Infelizmente não tem sido dispensada a necessária atenção a êsses problemas.

O que é o Ensino Itinerante

O ensino itinerante é a primeira forma de educação pela qual as crianças cegas podem frequentar a escola pública local e viver em casa como fazem as outras crianças. O professor itinerante suplementa o programa escolar regular, ensinando braille e outras habilidades que exigem assistência individual, fazendo com que a professora e os pais tomem conhecimento do equipamento especialmente destinado às crianças de visão defeituosa. O professor itinerante, por necessidade, pode ensinar apenas um número limitado de crianças, pois tem que desperdiçar muito tempo viajando de um aluno para outro e preparando os materiais usados na sala de aula regular. Desde agosto de 1957 o ensino itinerante está sendo posto em prática na cidade de São Paulo e alguns municípios vizinhos como Santo André e São Caetano, tendo dado resultados bastante satisfatórios.

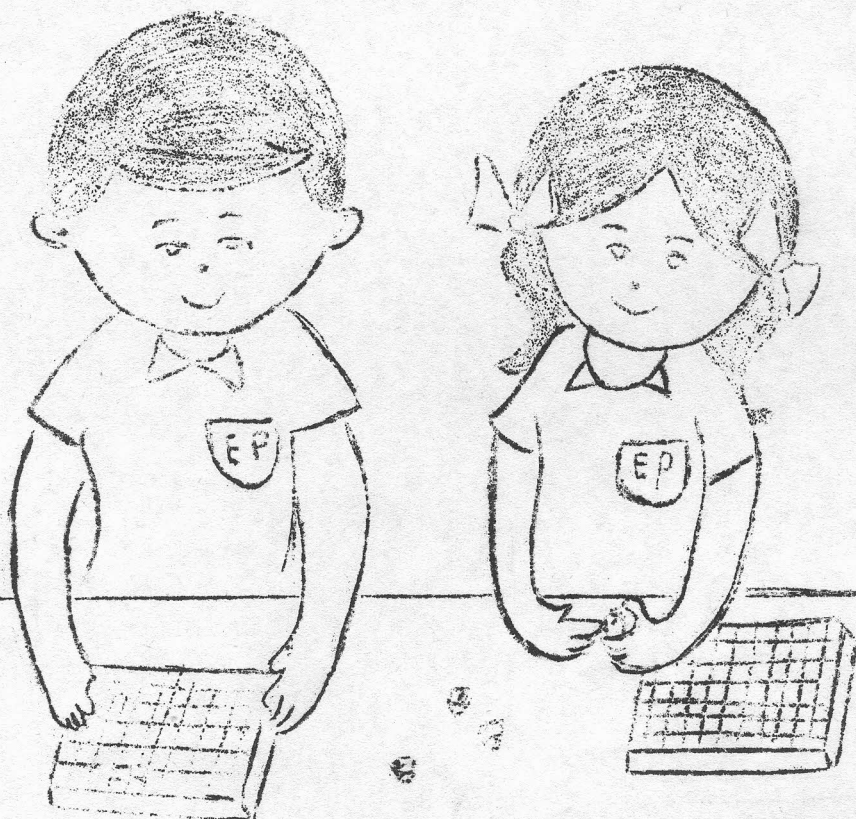
O ensino itinerante pode ser uma tão inspirada quanto difícil forma de ensino. Para ser professor itinerante notável precisa-se de tôdas as qualidades de um bom professor: percepção

aguda de relações humanas é essencial desde que o professor lida com muitas pessoas de varias idades e a habilidade administrativa é frequentemente a tarefa do professor itinerante, o preparo deste programa numa escola, antecipando problemas antes que surjam, e através de conselhos, além do ensino, ajudar a fazer funcionar o programa com exito. É inutil dizer que ela deve ser apta a ler e escrever braille, ser afinal uma professora especializada, pois é esta a materia que ha de ensinar.

Aqui em São Paulo o ensino itinerante é atendido por 4 professoras especializadas pelo Curso de Especialização em Ensino de Cegos do I.E. "Caetano de Campos" que vão ate seus alunos nos grupos escolares de 3 a 4 vezes por mes. Devido a dificuldade de professores especializados essas visitas são assim tão escassas. Por isso mesmo, pedimos a colaboração dos senhores professores no sentido de facilitar o nosso trabalho, bem como no de enviar maior numero de pessoas para se especializarem no campo da educação de cegos.

oooooooooooo0000000000000000oooooooooooo

Código de Matemática para o cego



CÓDIGO DE MATEMÁTICA EM BRAILLE

I) NUMERAIS:

Sinal de número: pontos 3-4-5 e 6 $\cdot\cdot\cdot\cdot$

Os números são expressos pelas primeiras dez letras do alfabeto precedidos do Sinal de número.

Ex: 1 = $\cdot\cdot\cdot\cdot$ 23 = $\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot$

Em números de mais de 3 algarismos deixa-se um espaço em branco para separar as classes.

Ex: 4 500 000 $\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot$

Os números ligados por hífen não necessitam de um segundo sinal de número, a menos que o nº seja dividido, no fim da linha, depois do hífen, devendo, então, o sinal de nº ser repetido no começo da linha seguinte:

Ex: pags. 20-35 $\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot$

pags. 20-36 $\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot$

$\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot$

Na separação de classes, quando um número integral é dividido no fim da linha, o hífen é colocado no fim da primeira linha e no começo da segunda ou de preferência em ambas as linhas.

Ex: 210- $\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot$

-810 $\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot$

O duplo sinal de número $\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot\cdot$ indica que o sinal de número é omitido em todos os números do grupo que se segue.

Ex: Ache o total dos seguintes números: 120- 37- 38- 45 e 40

\cdot

NOTA: O sinal duplo não pode ser usado em se tratando de menos de dois números. Não se deve usar em livros de nível inferior ao de 4º ano.

___ Triplo sinal de número \dots indica que os sinais em Braille, representados pelas primeiras dez letras do alfabeto, que se seguem na página, ou até que apareça o triplo sinal terminal de número \dots (1,4e5- 1,4e5- 1,4e5) representam algarismos arábicos.

___ Os números ordinais são escritos colocando-se a terminação adequada seguida de um ponto final, logo em seguida ao nº cardinal que nesse caso deve ser escrito no grupo de pontos \dots (2,3,5e6) e não em seu grupo normal \dots (1,2,4e5)

Ex: 1º \dots 2ª \dots
 1ª \dots 3º \dots

___ Os algarismos romanos de uma letra são precedidos do sinal de maiúscula- (6) os de mais de uma letra, são precedidos do duplo sinal de maiúscula \dots (6,6) por exemplo: I- \dots
 II- \dots

___ Pode-se também usar o sinal que indica que tôdas as letras são maiúscula: 6 \dots

DECIMAIS

___ Virgula decimal \dots (pontos 4 e 6)

Ex: 6,5 \dots
 0,72 \dots

___ Dízima periódica: \dots (pontos 4, 5 e6)

Ex: 3, $\overline{7}$ \dots
 2, $\overline{26}$ \dots

II) SIMBOLOS DE VALORES, MEDIDAS ETC.

___ Quando em impresso, a abreviação literal correspondente ou equivalente, é colocada, em BRAILLE, antes do sinal de número.

DINHEIRO BRASILEIRO

NRr\$ Ex: NCr\$ 142,40 =
=

NCr\$ 0,60 -

MEDIDAS DE COMPRIMENTO

Hectômetro Quilômetro

Usam-se as abreviações já conhecidas. Deve-se escrever a abreviação de medida deixando um espaço do último algarismo escrito.

Ex: 67dm

Medidas de superfície : dam²

Sinal de quadrado :

Medidas agrárias: Hectare : (1-2e5__1)
Are : (ponto 1)
Centiare: .. . (pontos 1,4 __6)

MEDIDA DE PÊSO

Tonelada métrica: (2-3-4e5)

Quilograma : usam-se as mesmas abreviações conhecidas.
hg, dag, etc.

MEDIDA DE CAPACIDADES

hl : idem ao item anterior.

MEDIDA DE VOLUME

O sinal que indica a medida de volume : (1, 4e5)

Ex: km³ =

dam³ =

III) SIMBOLOS DIVERSOS

Grau ° $\ddot{\cdot} \ddot{\cdot}$ O sinal de grau pode ser usado tanto para arcos e ângulos, como para temperatura.

Ex: 10° $\ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \cdot \ddot{\cdot}$

Nota : A indicação de grau é escrita antes do número.

Minutos: pode ser usado para indicar os minutos de ângulos, arcos e tempo ' $\ddot{\cdot} \ddot{\cdot}$ (1-3-4 ° 2-4 ° 1-3-4 e 5)

Segundos: Também usado para ângulos, arcos e tempo ' ' $\ddot{\cdot} \ddot{\cdot}$ (2-3-4 ° 1-5, 1-2-4 e 5)

Hora: h $\ddot{\cdot} \ddot{\cdot}$ (1-2-5 ° - 1-2-3 e5)

PERCENTAGEM: $\%$ $\ddot{\cdot} \ddot{\cdot}$ (pontos 1-2-3 e 1-4)

4% $\ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot}$

NOTA: O sinal de Percentagem também é escrito antes do número.

___ Numa sequência de termos relacionados, usa-se a abreviação da quantidade maior; as quantidades menores precedidas do sinal de nº são escritas logo em seguida:

$85^\circ 10' 35''$ $\ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot}$

___ Constitui exceção a essa regra o dinheiro decimal (ver adiante) e os horários, devendo-se então colocar 2 pontos (2-5) entre as horas e os minutos; o sinal de nº não deve ser repetido.

SINAIS ELEMENTARES DE OPERAÇÃO:

___ Sinal de mais $+$ \cdot (pontos 2 e 6)

$3+8$ $\ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \cdot \ddot{\cdot} \ddot{\cdot}$

___ Sinal de menos $-$ \cdot (pontos 3 e 5)

$9-3$ $\ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \cdot \ddot{\cdot} \ddot{\cdot}$

___ Sinal de multiplicação \times \cdot (pontos 1 e 6)

85×3 $\ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \cdot \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot} \ddot{\cdot}$

— Sinal de divisão ÷ (pontos 3 e 4 - 3 e 4)

725 ÷ 35

— Sinal de igual : (pontos 2 e 5 - 2 e 5)

Ex: 8+3= 11

V) SIMBOLOS DE AGRUPAMENTO

— As expressões contidas em agrupamentos devem ser escritas , se possível, em uma linha.

— Parênteses () (pontos 2,4 e 6- 1,3 e 5)

Ex: (y+z)

— Colchetes [] (pontos 1,2,3,5 e 6 - 2, 3,4,5 e 6)

Ex: [b - c]

— Chaves:

(pontos 2, 3 e 6- 3,5 e 6)

Ex: { 3y + 5x }

— Se uma expressão não couber numa só linha deve-se dividi-la entre os símbolos de agrupamento e deverá ser colocado um sinal de vezes no fim da primeira linha.

Ex: (a-b) (b+a) será dividida assim: (a-c)
(b+a)

· · · · ·
· · · · ·
· · · · ·

FRAÇÕES

— TRAÇO de FRAÇÃO . (pontos 3-4)

Coloca-se o sinal de fração entre o numerador e o denominador.

O sinal de número só é escrito antes do numerador__ o denominador é escrito sem o sinal de nº.

No caso do numerador ser literal o denominador será precedido do sinal de número.

Ex: $1/4$ ⠠⠨⠇⠒

$a/6$ ⠠⠁⠇⠒

$1/b$ ⠠⠇⠒⠠⠇⠒ (para indicar que o denominador é literal usa-se antes da letra o sinal (5 e 6))

a/b ⠠⠁⠇⠒ (sem sinal de letra)

VI) Números Mistos

Usa-se um hífen para unir a parte fracionária de 1 número inteiro.

Ex: $3 \frac{4}{7}$ ⠠⠒⠠⠇⠒⠠⠇⠒

Quando um numerador ou denominador for composto por mais de um termo, êle deve ser escrito entre parênteses.

Ex: $\frac{(a+b)}{c}$ ⠠⠠⠁⠒⠠⠇⠒⠠⠇⠒

$\frac{a}{b+c}$ ⠠⠁⠇⠒⠠⠇⠒⠠⠇⠒

Quando uma fração é empregada como coeficiente de uma quantidade, essa fração deve estar entre parênteses.

Ex: $1/6 c$ ⠠⠇⠒⠠⠇⠒⠠⠇⠒

Em aritmética, quando uma fração deve ser multiplicada por um número simples, a fração não é colocada entre parênteses.

Ex: $6/8 \times 3$ ⠠⠇⠒⠠⠇⠒⠠⠇⠒⠠⠇⠒

VII) SINAL DE ÍNDICE

Sinal de índice numérico

(ponto 4)

O sinal de índice numérico transforma em numerais, todos os 10 primeiros sinais do alfabeto BRAILLE, que aparecem no índice a menos que eles estejam precedidos do sinal de multiplicação ou do sinal de letra

Ex: 8^5 ⠠⠠⠠⠠⠠

Y^6 ⠠⠠⠠⠠⠠⠠

Y^{-2} ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

Sinal de índice não é usado para 2ª, 3ª e quarta potenciais uma vez que essas potências são representadas por símbolos especiais,

Ex: 5^2 ⠠⠠⠠⠠⠠⠠ (2 acompanhado do ponto 6)

8^3 ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠ (3 a acompanhado do ponto 6)

9^4 ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠ (4 acompanhado do ponto 6)

Sinal de índice literal (pontos 4 e 5)

Ex: 8^m ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

Quando o índice se refere a um monômio deve vir entre parênteses.

Ex: $(abc)^2$ ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

O mesmo se dando com os polinômios:

$(b+ax y)^5$ ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

$(b+c)^3$ ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

$$6 a^5 \quad \dots$$

$$7 a^2 b^3 \quad \dots$$

Uma fração possuindo expoente deve ser escrita entre parênteses:

$$\text{Ex: } (1/8)^2 \quad \dots$$

Sinal de maior que (>)

$$\text{Ex: } 9 > 6 \quad \dots$$

(pontos 2 e 5 - 1 e 4)

Sinal de menor < que \dots (2 e 5 - 3 e 6)

$$7 < 8 \quad \dots$$

Bibliografia:

Código de Matemática em BRAILLE-- H. M. Taylor.

Organizado por:

CAROLINA GILDA MANNARINO DA ROCHA ___ Orientadora de
DEFICIENTES VISUAIS

Educação especial

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL
Departamento Regional - 6ª Região
São Paulo - Mato Grosso - Goiás - Guaporé

RESUMO GERAL DAS ATIVIDADES DA ADAPTAÇÃO PROFISSIONAL DE CEGOS
NO SENAI

- 1955 -

Bn. 7
Jan 2

RESUMO GERAL DAS ATIVIDADES DA ADAPTAÇÃO PROFISSIONAL DE CEGOS
NO SENAI

1º - Acôrdo

Mediante acôrdo firmado entre a Federação da Indústria do Estado de São Paulo (FIESP), Fundação para o Livro do Cego no Brasil (FLCB), Serviço Social da Indústria (SESI), e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), institui-se uma comissão com elementos destas entidades, para estudar e planejar métodos e processos de aproveitamento de cegos nos trabalhos industriais. A Comissão funcionou de 1º de julho de 1953, até 31 de Dezembro do mesmo ano, na sede Central do SENAI em São Paulo, apresentando, ao término do referido acôrdo, resultados satisfatório nos seus trabalhos, fato que levou a direção Regional do SENAI a instalar, uma Secção de Adaptação Profissional de Cegos, subordinada diretamente à sua Divisão de Seleção e de Orientação Profissional. A comissão dividiu de modo geral os seus trabalhos em três partes, assim discriminadas:-

- 1 - Levantamento de Ocupações sem Contrôle Visual.
- 2 - Registro de Candidatos a Emprêgo.
- 3 - Treinamento.

Os trabalhos foram concentrados mais intensamente na pesquisa de ocupações compatíveis com a condição de cegueira, tendo-se em vista a necessidade do conhecimento real das possibilidades que a indústria poderia oferecer aos cegos. Assim vejamos:

- a) Emprêsas visitadas pelos técnicos da comissão..29
- b) Média de ocupações por emprêsa sem contrôle visual
..... 6

Cumpre acrescentar que as referidas ocupações poderiam ser exercidas sem nenhuma adaptação por parte do empregador. Mediante êste resultado, ao término do acôrdo passou a funcionar a Secção de Adaptação Profissional de Cegos no SENAI, que vem sistematicamente realizando um trabalho de colocação de cegos na indústria.

2º- Processos usados para orientação dos candidatos cegos.

- a) Descrição sumária de ocupações sem contrôle visual.
 - b) Exâme psicotécnico de aptidões e personalidade.
 - c) Entrevista com o empregador para apresentação dos candidatos cegos.
 - e) Treinamento no local de trabalho.
 - f) Acompanhamento Profissional ou "Follow-up".
- 3º - Resultados apresentados até a presente data.

a) Candidatos a emprêgos	33
b) Candidatos Colocados	15
c) Candidatos que deixaram o trabalho	6
d) Cegos que passaram por testes psicológicos	70
e) Emprêsas visitadas até esta data	32

Resumidamente êste é o trabalho que vem sendo realizado pelo SENAI da 6ª Região em São Paulo.

Solicitado pela FUNDAÇÃO PARA O LIVRO DO CEGO NO BRASIL e apresentado à mesma em

São Paulo, 24 de Junho de 1955

Geraldo Sandoval de Andrade
ENCARREGADO DA A. P. C. DS- 5

Ed. especial

« **CLASSES BRAILLE** »

Br. 4
Jan. 2

QUE SÃO CLASSES BRAILLE?

Classes Braille são centros de informações que recebem crianças cegas de todos os graus para lhes dar orientação e ensinar-lhes as técnicas especiais de que necessitam para acompanhar as classes comuns.

Esses centros são orientados por professoras especializadas em ensino de cegos, a cujo cargo ficam as transcrições dos livros didáticos para o Braille, bem como a transcrição dos trabalhos feitos pelos alunos para o "negro" (escrita comum). Desta forma, tanto os alunos podem acompanhar as aulas comuns, como os professores das classes poderão corrigir os exercícios e dar-lhes nota. Além disso, nas Classes Braille todo o material didático usado pelo vidente (mapas, material de geometria, etc.) é adaptado pela professora especializada para os alunos cegos.

É um trabalho perfeitamente possível de ser realizado e a nossa experiência nêsse campo nos autoriza a fazer semelhante afirmativa.

Iniciado em 1900 por Frank Hall nos Estados Unidos da América do Norte, só em 1951 teve início em São Paulo por sugestão de D. Dorina de Gouvêa Nowill, Técnica de Educação de Cegos do Instituto de Educação "Caetano de Campos". Funcionou no referido instituto, a título experimental até 3 de setembro de 1953, quando pela lei 2.237 da mesma data foi oficializada.

Atualmente 20 alunos, distribuídos em duas classes, frequentam-nas, havendo possibilidade de instalação de novas classes não só na Capital como no interioro do Estado.

Inúmeras são as vantagens dêsse tipo de trabalho. Sem nos termos em considerações sôbre a economia que representa para o Estado, falaremos sôbre a magnífica integração social que proporciona aos não videntes. Não necessitando abandonar seus lares para receberem a educação especializada de que carecem, têm as crianças oportunidade de sentirem mais de perto o ritmo familiar, participando assim de tôdas as suas alegrias e dificuldades o que lhes traz como consequência um maior estreitamento dos laços afetivos. Por outro lado, frequentando escolas

comuns, pela sua capacidade de realização, estarão preparando a comunidade para considerá-las criaturas capazes apesar de sua deficiência visual. Não nos esqueçamos que as crianças de hoje serão os industriais, profissionais, etc., de amanhã e que não relutarão em conceder uma oportunidade a um indivíduo, que apesar de cego, soube vencer as mesmas dificuldades escolares que as suas.

Que êsse tipo de trabalho se propague pelo Brasil a fora é o nosso maior desejo. Desejo para cuja realização empenhamos a nossa alma e a nossa vida.



341.91

Inventário

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DISTRIBUIÇÃO

Cegos existentes no Brasil

- 1920 - 1939 -

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Br. 7

San. 2

CEGOS EXISTENTES NO BRASIL

- 1920 • 1939 -

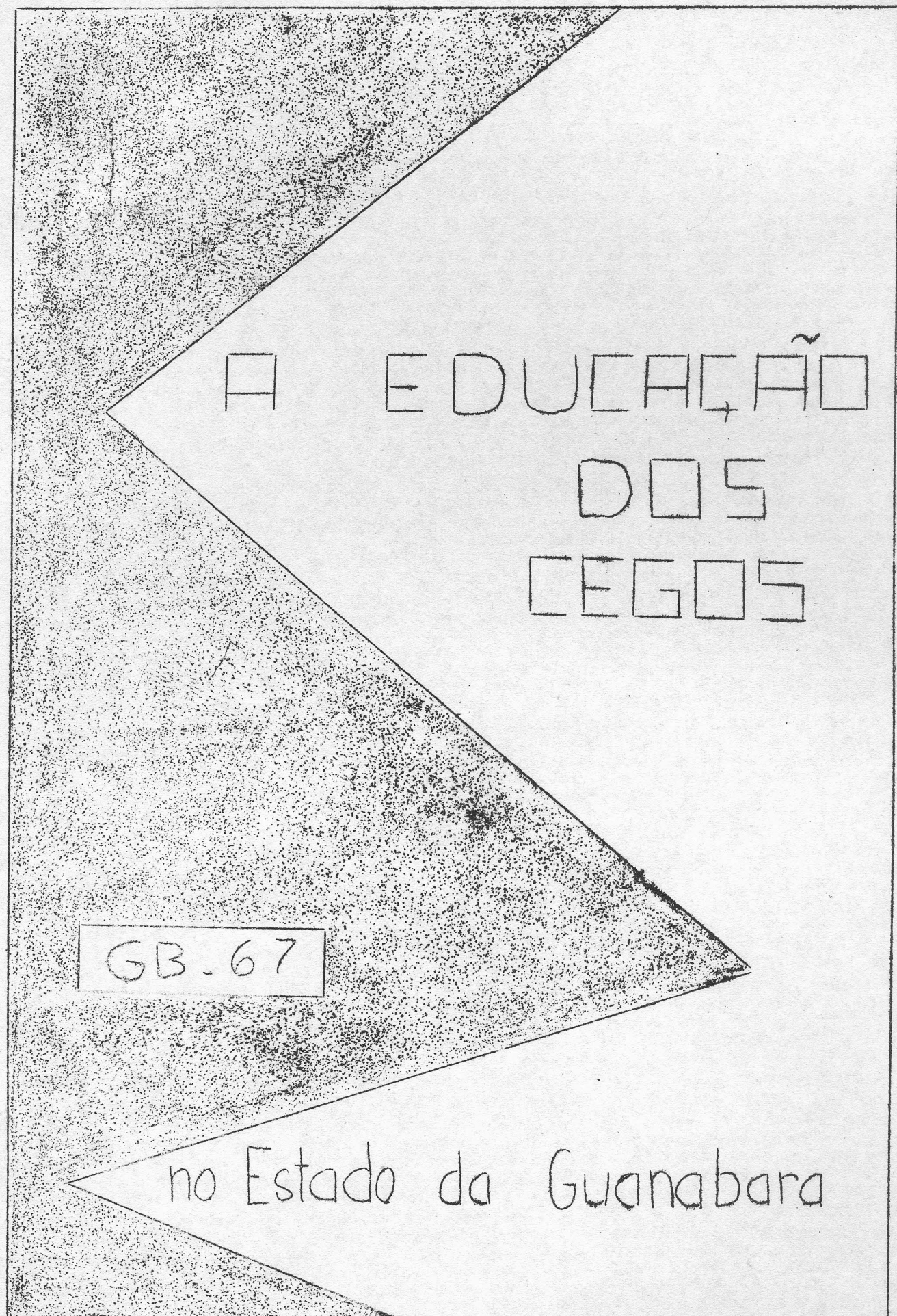
Estados da Federação	Total de Cegos		Capitais dos Estados	Total de Cegos	
	1920	1939		1920	1939
Alagoas	1.240	1.608	Maceió	88	177
Amazonas	304	385	Manáos	71	88
Baía	4.316	5.765	S. Salvador	277	379
Ceará	2.000	2.648	Fortaleza	117	229
Distrito Federal	1.244	2.037	Distrito Federal	1.244	2.037
Espirito Santo	260	439	Vitória	20	36
Goiás	670	1.063	Goiás	23	46
Maranhão	1.462	2.104	São Luiz	45	76
Mato Grosso	256	419	Cuiabá	82	100
Minas Gerais	5.121	7.035	Belo Horizonte	38	149
Pará	968	1.650	Belém	149	200
Paraíba	1.443	2.250	João Pessoa	78	174
Paraná	503	825	Curitiba	81	143
Pernambuco	2.122	3.151	Recife	190	438
Piauí	916	1.356	Terezina	89	98
Rio de Janeiro	1.090	1.526	Niterói	58	93
R.G. do Norte	758	1.182	Natal	53	100
R.G. do Sul	1.166	1.778	Porto Alegre	74	159
Santa Catarina	573	937	Florianópolis	36	46
São Paulo	2.806	4.464	São Paulo	293	669
Sergipe	629	754	Aracajú	55	96
T. do Acre	27	36	-	-	-
T O T A L	29.874	43.877	T O T A L	3.161	5.533

N O T A - Os dados relativos ao ano de 1920 foram extraídos do vol. IV (3a. parte) das publicações sobre o Recenseamento do Brasil feito em 1-9-1920; os dados de 1939 são calculados na base da taxa de cegos existentes em 1920 por 10.000 habitantes e a população calculada para 1939 pelo I. B. G. E.

Em 13 - 12 - 940.

VISTO:

Manoel Marques de Carvalho
Chefe da S. P. A.



A EDUCAÇÃO
DOS
CEGOS

GB.67

no Estado da Guanabara

ESTADO DA GUANABARA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA FUNDAMENTAL
SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO E CONTRÔLE DO ENSINO PRIMÁRIO OFICIAL
SEÇÃO DE ENSINO ESPECIAL
SETOR DE DEFICIENTES VISUAIS

" A EDUCAÇÃO DOS CEGOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS
PRIMÁRIAS DO ESTADO DA GUANABARA "

Publicação 2/67

SETOR DE DEFICIENTES VISUAIS

1 - OBJETIVO GERAL

Dar assistência educativa aos deficientes da visão, matriculados nas Escolas Públicas Primárias do Estado da Guanabara em turmas comuns ou em turmas especiais.

2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Desenvolver um programa cujos objetivos são: educação dos sentidos, aquisição de imagens, desenvolver o senso de obstáculo, a emenda de aspecto físico e escolaridade.

3 - TIPOS DE CRIANÇAS ATENDIDAS

Cegos e amblíopes.

4 - DIDÁTICA ESPECIALIZADA (métodos usados)

Braille e método ampliado, abrangendo as atividades de expressão artística, expressão manual, de expressão cultural, de expressão social, de expressão escolar com as técnicas de didática especializada a cada caso.

5 - ELEMENTOS DO SETOR

Coordenadora, orientadoras e professoras itinerantes de cegos e amblíopes.

6 - TIPO DE ASSISTÊNCIA EDUCATIVA

A assistência educativa é ministrada pelo ensino itinerante de cegos e amblíopes, mantido por professoras primárias especializadas nesse tipo de educação. O "Curso de Especialização" tem a duração de um ano. Ensino Itinerante é toda a realização de trabalho das professoras itinerantes, durante as visitas feitas às escolas.

7 - ENCAMINHAMENTO A EXAMES MÉDICOS

As crianças que revelem deficiências leves são enviadas ao Posto Médico dos Distritos Educacionais, pela Diretora da Escola ou pela Orientadora Distrital de Classes Especiais.

As crianças que apresentam deficiências mais profundas são encaminhadas ao Setor (sextas-feiras das 9 às 15 horas) e, por êste, ao Pavilhão Oftalmológico Hilário de Gouveia, que fornece o diagnóstico e o tipo de ensino para a criança.

8 - MATRÍCULA DA CRIANÇA CEGA OU AMBLIOPE

A criança é matriculada, condicionalmente, na escola mais próxima da residência e será encaminhada ao Setor de Deficientes Visuais, para ser submetida a exame oftalmológico. De posse do resultado do exame, a coordenadora do Setor enviará um memorando à Diretora a fim de que seja efetivada a matrícula.

9 - TURMAS QUE FREQUENTAM ESSA CRIANÇAS

As que revelam bom nível mental são colocadas nas turmas comuns e as que apresentam atraso no desenvolvimento mental frequentam as turmas especiais de AE.

10 - O SETOR está empenhado em colaborar com a professora da turma, na organização de exercícios e na confecção de material didático para uso da criança. Para que o trabalho atinja ao seu objetivo, é necessário que a professora da turma:

- compreenda e aceite a orientação que lhe é levada pela professora itinerante;
- colabore na preparação de material para uso da criança;
- promova reuniões com os pais, orientando-os no trabalho a ser desenvolvido.

CONCEITO DE AMBLIOPIA E CEGUEIRA:

AMBLIOPIA

(por Dr. Pedro Magalhães)

Amblíope é a criança que tem visão diminuída, sem causa aparente ao exame oftalmológico. Não há lesão alguma no fundo do olho; / não se constata vício de refração responsável pela baixa de acuidade visual. Não obstante, para efeito de aproveitamento da criança no meio escolar, considera-se amblíope aquela que, por ter ou não lesão do aparelho ocular, apresente acuidade visual abaixo de 0,3 separadamente em cada olho, não melhorando com correção.

A ambliopia mais frequentemente encontrada é decorrente da falta de uso de um ou de ambos os olhos, quando a criança é portadora do defeito, geralmente, congênito.

Removida a causa determinante da baixa da visão, consegue-se melhoria da sua acuidade visual, mediante exercícios de estimulação da retina.

CEGUEIRA

(definição estabelecida para o Estado de S. Paulo pela Lei nº 5 991 de 26/12/60)

- I- Ausência total de visão ou acuidade visual não excedente a 0,1 pelos optótipos de Snellen no melhor olho, após correção ótica.
- II- Campo visual igual ou menor a 20 graus no melhor olho.

ATIVIDADES QUE VOCÊ DEVERÁ DESENVOLVER PARA MELHOR ATENDER À SUA CRIANÇA DEFICIENTE VISUAL:

- 1- Estimulá-la a fazer tudo o que as outras crianças videntes / fazem (por mais que isto lhe pareça difícil);
- 2- Falar-lhe, constantemente, sobre o mundo de que ela participa;
- 3- Desenvolver-lhe o desejo e o hábito de apalpar;
- 4- Levar as mãos de sua criança àquilo que ela pode alcançar ou ao que ainda não descobriu;
- 5- Promover atividades constantes com brinquedos, exercícios de seu agrado, para combater sua imobilidade física, mental e intro-versão;
- 6- Mostrar-lhe como andar corretamente (não arrastar ou bater os pés; a medida do andar; atender aos chamados, os quais devem ser feitos em voz alta ou através de ruídos que possam orientá-la;
- 7- Ensinar-lhe a pronunciar bem as palavras (você precisa, então, falar-lhe bem de perto e, nos vocábulos mais difíceis, trazer a mão da criança a sua boca);
- 8- Ajudar-lhe no reconhecimento de sons:
 - a) dois ou três objetos (conhecidos da criança) atirados individualmente ao chão, para que a criança reconheça cada um;
 - b) reconhecimento do lugar onde cai o objeto (modo e intensidade da queda);
 - c) andar fazendo ruído para que a criança siga você;
 - d) atirar objetos aos pés da criança para que ela os encontre com a mão;
 - e) desenvolver-lhe o "senso de obstáculo" - a criança caminhará e deverá parar ao sentir o obstáculo;

- f) reconhecimento individual da voz humana - a criança distinguirá a voz que lhe fala: a voz da mãe, da tia, da vovó, do papai, da professora, dos coleguinhas etc. Esse tipo de exercício deve ser feito frequentemente.
- g) a criança determina se a pessoa que lhe fala está rindo, triste ou aborrecida; se fala voltada para ela ou não;
- h) reconhecimento em conjunto da voz humana - a criança já reconhecerá, de um grupo de vozes, a voz da mãe ou a de uma pessoa de seu convívio. A criança guarda de memória o maior número possível de vozes.

9- Ensinar-lhe a conhecer diferentes odores. É através desse reconhecimento que sua criança participará melhor da nossa vida social: as frituras dos restaurantes, os odores dos remédios das farmácias, as carnes no açugue etc, vão anunciando as casas de seu trajeto. O perfume deixado num ambiente, alerta-a para a presença atual ou remota de alguém. A limpeza de uma casa revela-se-lhe pelo cheiro da cera no assoalho, pelo óleo nos móveis, pelos desinfetantes. O cheiro da terra molhada lembra-lhe a chuva.

SÃO IMPORTANTES PARA O ÊXITO DO TRABALHO COM SUA CRIANÇA :

- Que ela saiba cuidar-se de si mesma.
- Que seja boa a sua saúde física.
- Que esteja bom o estado emotivo de sua criança.
- Que você participe da vida escolar de sua criança.

O apoio e o estímulo que você der à criança deficiente visual em toda sua atividade fora do lar, proporcionar-lhe-ão a segurança indispensável para o seu êxito na escola.

RETINA

HUMOR AQUOSO

HUMOR VITREO

A alteração mais comum na criança é o ESTRABISMO que é o desvio de um dos olhos, que poderá ser desviado para a linha medial (nariz) e é chamado de convergente ou desviado para fora e recebe o nome de divergente.

O ESTRABISMO é uma fratura do visual e portanto deverá receber socorro urgente isto é, tratado imediatamente pois quanto mais demorado for tanto pior o PROGNÓSTICO.

GUANABARA. Secretaria de Educação e Cultura. Depar-
tamento de Educação Primária. Seção de Em-
sino Especial. Setor de Deficientes Visuais. // Códi-
go de matemática para o cego. // Rio de Ja-
neiro, 1967. // 87. // mimeogr.